

Uroš  
Zupan

# A cadela e o verão

*Traduzido por  
Mojca Medvedšek*



LITTERÆ  
SLOVENICÆ

*Slovenian Literary Magazine*

*Uroš Zupan: A cadela e o verão*  
*Original title: Počasna plovba*

© *Uroš Zupan and LUD Literatura 2014*

*Translation*  
Mojca Medvedšek

*Proofreading*  
Mateja Rozman, Américo Meira

*Design*  
Jakob Bekš for Studio Signum d. o. o.

*Layout*  
Ulčakar grafika d. o. o.

*Foreign rights*  
LUD Literatura Publishing, ludliteratura@yahoo.com, info@ludliteratura.si

*Published by Slovene Writers' Association, Ljubljana*  
Dušan Merc, President

*Ljubljana 2021*

*<https://litteraeslovenicae.si/>*

## Árvore-do-céu

Pronto, depois da noite de São João começam a cair inflorescências da árvore-do-céu.

Primeiro são verdes. Depois tornam-se uma chama pálida que se autodestrói na luz joanina.

Quando isso passa, a árvore perde o seu cheiro denso, que uma vez me forçou a escrever :

*“Ailanthus altissima.*

*Philadelphus.*

*Lonicera fragrantissima.*

*O aroma da árvore- do- céu regressa-lhes todas as vezes, sempre - inalterável - mas ela, sendo só parcialmente ela, não sabe nada disso. Para ela, ele é insignificante, como para ele são insignificantes algumas outras mulheres - que o cheiro das outras árvores e outras flores regressa-lhes - inalterável. E ele não sabe nada disso. ”*

O que é que se passou na verdade?  
Estávamos os dois de pé no aroma da árvore- do-céu,  
mergulhados nele como no bafo de um ser invisível  
que se apoderou de toda a noite. E o teu corpo e os teus lábios  
faziam parte da noite, mas também estavam separados da noite, apenas visíveis.  
Flutuando em frente de mim, em absoluto acordo  
com o tempo, que não suspira quando dorme.

Não passou o que eu tinha desejado que passasse,  
que eu estremecesse dentro de ti, e que a minha pele  
se fizesse a tua e a tua – a minha,  
que ela estivesse separada do tempo e com fogo gravada nele,  
como um sinal de que nos pertencemos completamente um momento,  
assim, cada fim de junho vou para debaixo de qualquer árvore do céu,  
deixo que no vento – as inflorescências que caem,  
ardendo com uma chama pálida, nevem sobre a minha cabeça.  
O cheiro delas regressa-me uma outrora –  
tanto para ti como para mim – uma perdida tu.

Às vezes estou sozinho. Às vezes estou com um amigo,  
o único que compreende o que estou a dizer,  
quando estou a falar sobre o cheiro da árvore-do-céu  
e sobre aquela de que me regressa o seu aroma.  
Depois, juntos, tanto eu como o meu amigo estamos de pé debaixo da sua copa  
e flutuamos na cheirosa massa do ar que protege a noite,  
e juntos, calamos a boca, não estamos tristes, só um pouco pensativos, quase  
felizes, porque sabemos que detrás da deterioração do cheiro,  
que empurra para a frente uma lembrança distante,  
começa o verão mais saboroso .

## Se houver os céus

Os últimos suspiros do sol são como o glacé dourado do pastel que se agarra às alturas. Debaixo deles há um mundo diferente, com um pré-histórico gesto do Criador empurrado para as obscuras profundidades que a noite nascente carrega nos seus ombros.

Estou a caminhar com a minha cadela pelas florestas e entre os prados. Não há nem um som que traia a presença da estrada, cidade e luzes vizinhas. Sou uma pessoa sem nenhuma ambições. Não sinto nenhum ódio, nenhuma dor, nenhum medo do que está por vir.

Se houver céus, talvez sejam assim:  
a meio de junho, ao anoitecer, um homem solitário para um momento infinito em paz consigo mesmo e com o mundo, o cão dele, as cigarras, o cheiro da relva ceifada, as estrelas e os pirilampos, e as janelas iluminadas a uma hora de caminho, e alguns seres queridos à espera que eles voltem para casa.

## Ode a uma pastora australiana

Hoje acabas de completar um ano e meio e não sabes  
que tens um ano e meio. És uma verdadeira beleza e não sabes  
que és uma beleza. Deitada entre a cama e o escritório,  
respiras a meia voz atrás  
das minhas costas. Atrás das costas do homem que  
mais resistência manifestava para te recebermos. O dia  
vai estar quente, e o que tínhamos que fazer  
na sua primeira parte, fizemo-lo muito  
cedo de manhã, quando o calor ainda não é uma casca  
paralisadora, que faz o ar denso em redor dos nossos  
corpos, inteiramente lentos e inseguros.  
O teu corpo não é lento e inseguro.  
Mudaste de lugar e esfregaste o teu pelo  
no meu pé. Agora estás a olhar para mim  
do outro lado do quarto com o teu olho claro.  
Esse toque, esse roçagar na minha pele,  
foi intencional, a adoração da proximidade pura ou  
só uma coincidência, determinada pela falta do espaço?  
Nunca mo dirás. Ao levantar-me  
e dar uma volta pela casa, primeiro vais  
olhar para mim e depois seguir-me, vestida  
de uma sombra amorosa, dando-me atenção  
com o teu alfabeto mudo, feito da respiração e dos gestos –

com o deslizar das tuas patas no soalho. Se eu fechar  
a porta, primeiro vais arranhar, depois  
bater na porta e finalmente deitar-te em frente dela,  
esperando que eu abra e dê um passo,  
como se estivesse firmemente persuadida de tudo o que se vai passar.  
E que se vai passar eternamente.  
Depois repetimos o nosso passeio curto.  
E quando chegarmos ao nosso lugar,  
eu ao livro que erguia uma coisa bem  
esquecida do passado e tu à tua batalha imaginária  
com as listras de luz que excitam o teu focinho, vou ouvir  
outra vez a tua respiração atrás de mim. Quando a respiração  
se transformar em silêncio, vou saber  
que estás deitada de costas, mergulhada profundamente  
nos teus sonhos de cão onde às vezes corres  
através da floresta, nadas na erva alta e levantas-te  
como se fosses um animal marítimo  
e não um quadrúpede. Às vezes descansas à sombra,  
debaixo da árvore, rodeada do mundo que é só para ti  
(e talvez um pouco para mim), completamente imóvel,  
como se fosses tu quem, com um latido ruidoso,  
ordenasse que finalmente parasse e se acalmasse.

## A cadela e o verão

Lentas aparições do verão. Todos os anos as mesmas imagens  
que nunca me cansam.

Todos os anos os voos dourados das aves que farfalham no ar quente.  
Todos os anos as sombras compridas que se esfrelam no asfalto como  
papel queimado.

Todos os anos uma preguiçosa atenção ao mundo como se as informações  
que o mundo nos transmite escorressem através duma membrana sigilosa  
e assim perdessem toda a nitidez.

Eu e a minha filha, deitados cada um no seu lado da cama.

A cadela descansando aos nossos pés. Às vezes decide  
mostrar a sua aflição e lambe os nossos pés descalços.

(A nossa gratidão é clara como os voos dourados das aves invisíveis.)

A minha filha olha para o telefone como se estivesse a contemplar com os  
olhos um grande mistério .

Eu olho o livro e com os olhos contemplo um grande mistério.

O mistério é às vezes tão grande

que eu perco-me entre as palavras e as frases e no tempo imaginado.

Tão grande que às vezes me adormece e deixa noutra mundo.



Lá fora o vírus está a conquistar o planeta e mora uma vida dupla.  
A aparente, descrita pelas estatísticas e citada pelos jornais  
e agências funerárias.  
A secreta, que ninguém compreende.  
No apartamento frio um disco rodando no gira-discos –  
as Variações de Goldberg.  
Nele Glenn Gould vive uma vida póstuma.  
Toca as teclas e em consonância com a sua idade  
revive e faz desacelerar Bach,  
que também vive uma vida póstuma.

Da profundidade obscura os versos surgem em frente do meu olhar interior:  
*Estou a procurar a mais poderosa oposição à morte.*  
*Acho que é a música. Música barroca.*  
A minha filha não entende. Eu entendo cada vez mais.  
E a cadela e o verão?  
Nunca têm isso na cabeça.

## Navegação lenta

A noite de hoje é como o mar tranquilo  
e a cama uma jangada que nos mantém  
à superfície da água . Ao respirar  
tocamos sem querer e treinamo-nos

a contar com os dedos. No sonho,  
quando pegados um ao outro, apagamos  
inconscientemente as fronteiras entre as nossas peles  
quentes e os sonhos que nos querem separar

e dissipar no tempo. Uma criança  
entre nós. Outra criança  
nada e flutua dentro da tua barriga.  
Silêncio em cada um de nós

ordenadamente disposto e a cama  
aprisionada no ar sem vento. Nós  
somos os seus dois lados vivos, um corrimão  
de proteção na luz e na escuridão.

This collection has been published continuously  
since May 1963  
(between 1963 and 1990, under the title of *Le Livre Slovène*;  
since 1991, under the title of *Litteræ Slovenicæ*).

*Contact of the publisher*

Slovene Writers' Association (DSP)

Tomšičeva 12, SI-1000 Ljubljana

Phone: +386 1 251 41 44

Email: [dsp@drustvo-dsp.si](mailto:dsp@drustvo-dsp.si)

Website: <https://litteraeslovenicae.si/>



**SLOVENIAN  
BOOK  
AGENCY**

This book was published with the financial support  
of the Slovenian Book Agency.



Co-funded by the  
Creative Europe Programme  
of the European Union

This project has been funded with support  
from the European Commission.

This publication reflects the views only of the author,  
and the Commission cannot be held responsible for any use  
which may be made of the information contained therein.

Without written permission of the publisher any form  
of reproduction or other use, in full or in part,  
of this copyrighted work, including photocopying, printing,  
or storage in electronic form, is strictly prohibited.



<https://litteraeslovenicae.si/>